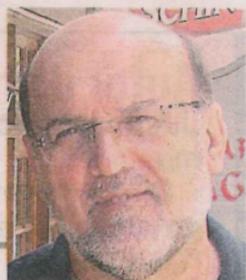


# TRIBUNA LIVRE



EDEBRANDE CAVALIERI

## O sistema de cotas nas universidades

**C**hega ao final, após 13 anos de tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, o Projeto de Lei que reserva 50% das vagas anuais dos vestibulares nas Instituições Federais de Ensino Superior para o sistema de cotas sociais e raciais. Difícil entender tamanha demora!

Na Ufes, em razão da autonomia universitária, em agosto de 2007 o Conselho de Ensino e Pesquisa introduzia o sistema com reserva de cotas sociais.

É bom recordar que o Brasil não é pioneiro neste sistema. Os EUA, em meados da década de 1960, no contexto das lutas pelos direitos civis, introduziram ações afirmativas em vista da população negra. Uma pesquisa recente feita na Universidade de Stanford pelo professor Thomas Sowell mostra que é incorreto atribuir às ações afirmativas o progresso dos grupos beneficiados. Ou seja, a população pobre negra permanece em torno dos 30% da população americana.

Algumas reflexões devem ser feitas e até repeti-las à exaustão. Imputar ao sistema de cotas sociais e raciais, de maneira isolada, a responsabilidade por uma ação afirmativa em vista da inclusão social e racial de populações historicamente excluídas e injustiçadas, é um grande erro. Isoladamente, servem para fazer uma política paliativa com fins diversos.

As cotas devem fazer parte de um conjunto de políticas de expansão e fortalecimento das universidades públicas, e da qualificação e valorização do ensino fundamental e médio. Esta é a questão chave para se promover inclusão e justiça social.

Além disso, esta política pública para o ensino deve estar integrada às políticas de Estado que visem o crescimento econômico, a criação de empregos e a distribuição de renda.

De nada adianta um diploma de nível superior entregue a um estudante de camadas empobrecidas se ele não tiver emprego para exercer sua profissão. Este é o outro lado da inclusão social. E assim conduzidas, as políticas

que integrarão o sistema de ações afirmativas com o tempo mostram que não mais será necessária a reserva de vagas.

Nos EUA, o resultado da política afirmativa não deu o resultado esperado; as ações afirmativas não estavam integradas às demais políticas de crescimento, de criação de empregos e de distribuição de renda. Lá também historicamente foram produzidas várias exclusões raciais e sociais e as cotas objetivavam a correção de muitas injustiças.

Para as universidades cabe o desafio de garantir a permanência destes alunos. A necessidade de trabalhar e o custo dos estudos na compra de livros, alimentação e manutenção pessoal podem levar ao fracasso escolar com reprovação continuada ou evasão da universidade.

Os administradores universitários terão pela frente a elaboração de projetos efetivos para assistência estudantil. Acesso não é sinônimo de permanência.

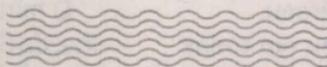
Apesar de tantas dificuldades, o sistema de cotas representa

pela primeira vez uma autoconsciência de que formamos uma sociedade excludente em termos raciais, sociais, econômicos e educacionais.

Representa também a oportunidade de desenvolver uma sensibilidade racial e social e a vontade política de ampliar a inclusão social. Os atores presentes nestes processos políticos e educacionais têm responsabilidade histórica.

O futuro do sistema de cotas como mecanismo de inclusão social e racial dependerá de todos nós e, principalmente, dos que recebem do povo o voto para implementar as mudanças necessárias.

Edebrando Cavaliéri é doutor em Filosofia e professor da Ufes



**Para as universidades cabe o desafio de garantir a permanência destes alunos (cotistas)**